

Generalizações que ajudam a compreender e aquelas que atrapalham

Generalizations that help understanding and those that hinder it

Verena Alberti*

Resenha do livro: MENEZES, Marilda Aparecida de; SANTOS JÚNIOR, Jaime (org.). **Tecendo vidas e sonhos:** história oral de agricultores(as) do Sertão Paraibano e trabalhadores(as) do ABC Paulista. Jundiaí: Paco Editorial; Campina Grande: EDUEPB, 2023.

Palavras-chave: trabalhadores migrantes; história oral; trajetória.

Keywords: migrant workers; oral history; life trajectory.

TECENDO VIDAS E SONHOS foi lançado em dezembro de 2023, no SESC-SP, durante duas tardes de conversas com estudiosos das migrações e da história oral.¹ No público, pessoas de diferentes origens, “nordestinas” e “sudestinas”, trazendo experiências de migração, sejam de suas próprias famílias, sejam de ouvir contar. Pensando bem, o evento acabou reproduzindo o próprio formato do livro, no qual as entrevistas realizadas pela professora Marilda Aparecida de Menezes são precedidas, em cada capítulo, por comentários qualificados de mais de dez especialistas. Isto é: uma conversa permanente entre experiências de vida e análises daquilo que essas experiências talvez tenham a nos dizer. Como se fôssemos vários entrevistadores e entrevistadoras, junto com Marilda Menezes, a escutar novamente, atentos e atentas, as conversas gravadas, em sua maioria há 40 anos.

Durante a leitura do livro, lembrei-me de uma pesquisa sociológica sobre padarias artesanais na França realizada por Isabelle Bertaux-Wiame e Daniel Bertaux, cujos resultados

* Doutora em Teoria da Literatura pela Universitat Gesamthochschule Siegen, Alemanha (1993), e pós-doutora em Ensino de História pelo Institute of Education da University of London (2009). É professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na área de Métodos e Técnicas de Ensino de História.

1 Curso “Nordestinos em São Paulo - histórias, sonhos e lutas”, realizado em 12 e 13 de dezembro de 2023 no Centro de Pesquisa e Formação do Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo. Divulgação do evento disponível em: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/nordestinos-em-sao-paulo-historias-sonhos-e-lutas>. Acesso em: 24 out. 2024. Esta resenha é uma versão revista do texto que apresentei na ocasião.

foram publicados em 1980.² A pesquisa buscava entender, entre outras coisas, como uma pessoa se torna padeiro, por meio de um método chamado pelos autores de “abordagem biográfica”. Eles descobriram um certo padrão na trajetória dos padeiros na França: o futuro padeiro começava como aprendiz, trabalhando na padaria de alguém; em seguida, para se estabelecer com sua própria padaria, era importante um bom casamento, pois a mulher do padeiro tinha uma função crucial no funcionamento do empreendimento: ela atendia os clientes, enquanto o padeiro fazia os pães. Um casamento malsucedido ou uma esposa pouco engajada poderiam pôr o negócio a perder.

De que maneira Isabelle Bertaux-Wiame e Daniel Bertaux chegaram a esse resultado? Por meio de muitas entrevistas, realizadas com pessoas diferentes, que começaram a indicar aquele padrão de trajetória. E, para saber quando parar de gravar entrevistas, pensaram no conceito de “saturação”: há um momento em que as narrativas acabam por se repetir, tanto na forma, quanto no conteúdo, e isso indica que a coleta de depoimentos está chegando ao fim.

Numa entrevista, publicada em 2022, na revista portuguesa *Sociologia: problemas e práticas*, Daniel Bertaux afirma, de “forma provocadora” – como ele mesmo reconhece –, que, como sociólogo, “nunca est[ei]ve interessado nos indivíduos”.³ E explica:

Enquanto escritor ou humanista, as pessoas interessam-me; mas enquanto sociólogo, não. Cada pessoa tem a sua própria história e isso é fascinante. No entanto, se quisermos produzir conhecimento científico, ou melhor dizendo, conhecimento objetivo, temos de sair desta diversidade infinita. É preciso organizar as narrativas de vida de modo a que *convirjam*, procurando *recorrências e saturação*. E a melhor coisa que encontrei foram os *mundos sociais*; a padaria, por exemplo, é um *mundo social*, no sentido de Howard S. Becker.⁴

E por que me lembrei da pesquisa sobre os padeiros na leitura de *Tecendo vidas e sonhos*? Por causa das recorrências. Foi como se eu tivesse mergulhado no mundo social dos migrantes, mundo que se dá a conhecer independentemente de quem esteja falando. Não conhecemos os dados biográficos das pessoas entrevistadas; as entrevistas são publicadas, como escreve poeticamente Marilda Menezes na introdução, “com nomes anônimos”.⁵

Mas isso não significa que a entrevistadora e pesquisadora não se interesse pelos indivíduos. Ao contrário, como ela mesma conta, entrevistou pais e mães no sertão de Cajazeiras, na Paraíba, e filhos e filhas em favelas e bairros do ABC paulista. E estabeleceu relações, teceu afetos. Como fica evidente neste fragmento de diário de campo:

2 BERTAUX, Daniel; BERTAUX-WIAME, Isabelle. Une enquête sur la boulangerie artisanale par l'approche biographique. Centre de Documentation des Sciences Humaines du Centre National de la Recherche Scientifique. Rapport final, v. 1. [S/I]: 1980. Disponível em: <https://www.daniel-bertaux.com/textes/bertauxboulangerievol-i.pdf>. Acesso em: 24 out. 2024.

3 AZEVEDO, Liliana; SILVA, Vanessa Carvalho da. Entrevista a Daniel Bertaux: Vim para a sociologia para compreender. **Sociologia, Problemas e Práticas** [Online], n. 100, p. 145-171, 2022. p. 153. Disponível em: <http://journals.openedition.org/spp/11629>. Acesso em: 24 out. 2024.

4 Ibidem, p. 153-154.

5 MENEZES, Marilda Aparecida de; SANTOS JÚNIOR, Jaime (org.). **Tecendo vidas e sonhos**: história oral de agricultores(as) do Sertão Paraibano e trabalhadores(as) do ABC Paulista. Jundiaí: Paco Editorial; Campina Grande: EDUEPB, 2023, p. 28.

Fomos para o Sítio Bonguinha, na casa de Agnaldo [...], pai de Augusto. É impressionante a satisfação com que ele nos recebe. A mulher de Agnaldo ficou tão contente de saber que tinha estado com seus filhos em São Paulo que me tratava como se fosse uma conhecida há muito tempo. O Agnaldo estava no roçado, no baixio, e pedi para ir buscá-lo.⁶

(O “baixio”, como aprendi na leitura do glossário do livro, são “as partes baixas do terreno, que são úmidas e adequadas para o plantio de milho, feijão, hortaliças”⁷)

Esperamos uns 10 minutos – continua Marilda Menezes –, que foi o tempo para me ambientar mais. Quando ele chegou, me recebeu tão bem e deu uma entrevista de forma bem descontraída. Durante a conversa, ia me falando: “mas a senhora devia ter avisado, porque nós somos pobre [sic], mas dá pra matar um franguinho, fazer uma coisinha.” Se sentia muito satisfeito de saber notícia dos filhos de São Paulo.⁸

A maioria das entrevistas foi gravada em 1983 e 1984.⁹ Por meio delas, conheci realidades, modos de vida, argumentos e opiniões. Por exemplo, que já era muito ter o que comer, vestir e calçar. Percebi as diferenças entre ser rendeiro e morador e entendi que tipo de relação podemos ter com o patrão em cada caso; aprendi as vantagens de morar “na rua” – estar perto da escola, do hospital, do cemitério e até da cadeia –, em contraposição àquelas de morar no sítio. E reaprendi os significados de inverno e de mistura. Tudo isso e muito mais eu vivenciei nos dias em que fiquei mergulhada no livro.

Também aprendi sobre mudanças. Por exemplo, os efeitos da introdução da pecuária nos anos 1970, depois do que os baixios passaram a ser destinados ao capim. Como diz esse entrevistado: “aqui tem uns baixios bons, muito bons mesmo, mas o proprietário, nosso patrão, manda plantar capim.”¹⁰ “No fim – diz esse outro, de pseudônimo Zacarias –, os cereais tão se acabando, ficando o mundo todo coberto só de capim; o boi já tomou o lugar do homem.”¹¹

“O boi já tomou o lugar do homem” – o livro está repleto de formas de falar preciosas como essa. São afirmativas definitivas, como se fossem provérbios. “A esperança do pobre é o ano vindouro.”¹² Elas nos instigam com novos significados de palavras que achávamos que conhecíamos. “São Paulo, no tempo que eu fui, era bom, mas São Paulo hoje tá uma casualidade.”¹³ E aqui, uma avaliação sobre as mudanças que ocorreram na condição de morador: “Morador só foi bom quando o mundo era pouca gente.”¹⁴

Essa última é uma fala da entrevistada de pseudônimo Adelaide. Desde 1953, diz ela, quando passou a moradora, a maioria dos patrões não deixa criar animal e controla o tamanho

6 MENEZES; SANTOS JÚNIOR, op. cit., p. 35.

7 Ibidem, p. 407.

8 Ibidem, p. 35.

9 Houve entrevistados com quem a relação perdurou por 30 anos. Luís (pseudônimo) foi entrevistado em 1984, 2013 e 2014, e a edição da entrevista contou com a colaboração de seu filho professor, que também participou da última gravação.

10 MENEZES; SANTOS JÚNIOR, op. cit., p. 110.

11 Ibidem, p. 146.

12 Ibidem, p. 147.

13 Ibidem, p. 81.

14 Ibidem, p. 326.

da roça. Então, “é ruim demais, porque fica que nem cativeiro, é só o que os donos da terra quer [sic]”.¹⁵

A comparação com o cativeiro não é casual, bem sabemos. O mais interessante é que ela também aparece nas opiniões sobre São Paulo: “a vida de São Paulo é uma vida cativa”, diz Eugênio (pseudônimo), enquanto a Paraíba, segundo ele, “é o lugar da liberdade”.¹⁶

Porque, em São Paulo – diz Manoel (pseudônimo) –,

se tá chovendo eu tenho que ir ao meu serviço, [...] se falta cinco minutos pra eu sair, eu tenho que pedir licença para sair, se não for perde aquele dia, sábado, domingo; se tô com o dente doendo, tenho que trabalhar. E na minha terra não era assim, tenho o meu feijão, meu cabrito, meu porco, minha vaca pra tirar o leite, se passa uma semana em casa e se não quiser trabalhar eu tenho do que comer. Se houvesse inverno na minha terra, eu não queria lugar melhor que minha Paraíba.¹⁷

Esse constante ir e vir, seja efetivo, seja em pensamento, ou esse “vaivém”, como dizem – “uns vai [sic], outros vêm”¹⁸ –, é talvez o que unifica todas as experiências diversas (a generalização científica, diria Bertaux), inclusive as experiências daqueles e daquelas que nunca saíram de seus lugares de origem, mas que são indubitavelmente impactados pelos que vão e voltam.

A tese *Proletários da seca*, de Tyrone Cândido, defendida na Universidade Federal do Ceará, em 2014, traz essa sugestão, ainda que seja para um período diverso do que tratamos aqui. Seu objeto são retirantes (homens, mulheres e crianças) recrutados para os trabalhos em obras de construção durante as secas do final do século XIX e início do século XX. Ele os chama de “proletários das secas”, porque “foram agentes de sua própria formação enquanto uma modalidade específica de trabalhadores”.¹⁹

Partindo de diferentes pontos – escreve Tyrone Cândido –, e levados por razões várias, tinham em comum o fato de estarem num constante trânsito, condicionados pelas secas [...]. Eram sujeitos de diásporas que envolviam homens, mulheres e crianças, pessoas com diversas profissões, habitantes de diferentes lugares [...].

Talvez tenha sido esse vaivém constante o traço definidor mais forte dos proletários das secas, pois dificilmente poder-se-ia enquadrá-los enquanto um grupo social fixo, identificado por sua origem (que era diversificada) ou por seu perfil socioprofissional (igualmente variado).²⁰

Ou seja, talvez esse vaivém seja justamente o que unifica também as experiências diversas dos entrevistados e das entrevistadas de Marilda Menezes.

15 Ibidem, p. 325.

16 Ibidem, p. 116.

17 Ibidem, p. 222.

18 Ibidem, p. 327.

19 CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. **Proletários das secas:** arranjos e desarranjos nas fronteiras do trabalho (1877-1919). 2014. 354f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História Social, Fortaleza, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8993>. Acesso em: 24 out. 2024.

20 Ibidem, p. 58.

Outra lembrança importante trazida pela tese de Tyrone Cândido é a da resistência. É o caso, por exemplo, da revolta da praça Visconde de Pelotas, ocorrida em Fortaleza, em 1878, quando os retirantes esperavam pelo pagamento das rações do governo, que já não recebiam havia quase três dias. A reação à revolta parece ter resultado em 200 feridos e pessoas mortas. Documentos do poder público e artigos do jornal oposicionista retratavam os retirantes, fossem como indigentes manipulados pela oposição, fossem como pobres famintos. “Eles nunca figuravam como sujeitos de suas próprias ações” – escreve Tyrone Cândido.²¹

“A visão prevalecente sobre os retirantes” – escreve ainda – sempre os via como “uma massa fluida de pobres”, incapazes de forjar meios de luta. “Essa visão desqualificadora das lutas das populações pobres do campo – afirma – penetrou fundo no imaginário da época” e podemos dizer que perdura até hoje. Além disso, escreve o autor, ela influenciou “a própria tradição de estudos dos movimentos sociais do campo”, que atribui às ações coletivas dos trabalhadores rurais uma “fragilidade estrutural”.²²

É isso, justamente, que Tyrone Cândido coloca em xeque com sua pesquisa. Em casos como o da revolta da praça Visconde de Pelotas, é preciso entender que “sertanejos de diferentes proveniências estabeleciam relações, reconhecendo a condição compartilhada e esboçando identificações em face de um outro hostil”.²³ Ou seja, sertanejos eram e são agentes de sua própria mobilização social, a despeito de toda sua diversidade.

As oportunidades de aproximação por interesses comuns e de pressão por melhores condições de vida também aparecem nas entrevistas de *Tecendo vidas e sonhos*. É possível perceber que essa é uma preocupação constante de Marilda Menezes, que não raro pergunta sobre como lutar por condições melhores. O exemplo das greves do ABC é evocado por alguns entrevistados, assim como a organização de abaixo-assinados e reuniões, que teriam como alvo as obras de emergência, outro tema recorrente nas entrevistas.

As narrativas de experiências migratórias e as análises reunidas no livro definitivamente não autorizam a reprodução de visões desqualificadoras que rotulam os migrantes nordestinos como uma massa fluida de pobres, indigentes e manipulados. Essa generalização da “história única” de que fala Chimamanda Adichie em sua conhecida palestra não nos serve para compreender coisa alguma.²⁴ As pessoas que estão no livro, dialogando conosco e nos ensinando, são agentes de seu próprio destino e sujeitos de suas escolhas.

E se lembram de episódios que nos transportam para outro tempo, como é o caso desse divertido relato de Francisca contando do namoro com seu marido Luís (ambos pseudônimos):

Ah! e agora eu [...] lembro de uma coisa. Ele mandou... escreveu uma carta pra mim. Aí mandou o amigo dele colocar nos correios. Esse amigo dele, sabe o que ele fez? Ele abriu, leu a carta, aí embaixo da carta colocou: não

21 Ibidem, p. 281.

22 Ibidem, p. 21-22.

23 Ibidem, p. 280.

24 ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única. Palestra proferida em julho de 2009, na série de palestras TED. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br. Acesso em: 24 out. 2024.

te amo. Aí fiquei chateada com esse negócio, né! Vir uma carta pra mim, toda romântica e vir um negócio desse.²⁵

Talvez um único reparo possa ser feito em relação a *Tecendo vidas e sonhos*: acostumada a trabalhar com a passagem de entrevistas da forma oral para a escrita, senti falta de uma edição mais acurada dos textos transcritos, particularmente no que se refere à pontuação. As transcrições parecem bem próximas do que talvez tenha sido o material bruto da pesquisa, o que pode ser uma garantia de que quase nada foi modificado na tradução do oral para o escrito. De todo modo, essa circunstância pode ser útil para lembrar a leitores e leitoras o quanto é trabalhosa uma pesquisa de história oral.

Recebido em: 03/11/2024

Aceito em: 16/06/2025

25 MENEZES; SANTOS JÚNIOR, op. cit., p. 388.